

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO SUL DO AMAZONAS

Rosângela Carvalho da Costa¹.
Valmir Flores Pinto²

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a educação especial ainda não é totalmente inclusiva objetivou-se nesse ensaio problematizar as práticas educativas no contexto da educação especial no município de Humaitá-AM. Utilizando-se do referencial da arqueogenealogia de Michel Foucault, formou-se o arquivo com a produção acadêmica no contexto amazônico e os projetos políticos pedagógicos de duas escolas, onde evidenciou a forma de produção subjetiva que a instituição exerce em seus atores e a resistência de alguns profissionais que, mesmo sem incentivo, ainda tentam desenvolver uma educação comprometida. Da análise dos dados surgiram três categorias de discursos que são: despreparo docente, falta de tempo e descaso institucional em paralelo aos projetos políticos pedagógicos que fogem da realidade ao qual pertencem. Conclui-se que a efetivação de uma prática educacional inclusiva perpassa tensões e enfrentamentos e que, se posicionar ou não, é uma escolha do profissional que envolve sua forma de existir, seus valores, sua ética e sua forma de olhar o outro a partir de si.

Palavras-chave: Educação especial, Arqueogenealogia, Produções acadêmicas, Pesquisas educacionais, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Lidar com impossibilidades de uma adesão social plena contribui para o despertar desejoso de um mundo inclusivo onde todas as pessoas e suas peculiaridades existenciais sejam olhadas a partir do que fazem bem e não de suas limitações que, a partir de uma ótica limitada, veladamente, acaba por inferiorizar o outro (MANTOAN, 2015, p.20).

A partir dessa afirmativa pode-se discorrer sobre o processo de construção subjetiva da pessoa com deficiência e do profissional professor/gestor presente no espaço escolar, descritas por pesquisadores em diversas regiões e âmbitos, possibilitando-nos um ensaio documental e bibliográfico rico em percepções e problematizações que evidenciam o papel intrínseco dessas relações na construção desse processo, não culpabilizando apenas o nível macro, mas evidenciando que, a responsabilidade de promover uma educação equitativa, inclusiva e qualitativa é inerente a todos os atores desse processo.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades- PPGECH/UFAM.
rocarvalho361@gmail.com

² Doutor em Estudos em Ensino Superior pela Universidade de Aveiro, Portugal e professor de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas, campus Humaitá, AM; Orientador mestranda Rosângela Carvalho da Costa. valmirfp@ufam.edu.br

O objetivo desse ensaio é problematizar a educação especial oferecida atualmente nas escolas despontadas através de pesquisas já realizadas em contrapartida aos projetos políticos pedagógicos de duas escolas, aqui apresentadas como “ESCOLA A” e “ESCOLA B” além de discorrer sobre o papel da gestão nesse processo a partir do questionamento de como a escola, enquanto instituição tem colaborado para que a inclusão da pessoa com deficiência aconteça de fato, além de questionar o quanto todos os profissionais, envolvidos nesse processo têm sido comprometidos e empáticos a um movimento que já ultrapassa décadas e ainda não consegue se firmar.

Por qual motivo é tão difícil oferecer uma educação que realmente inclua a pessoa com deficiência no âmbito escolar? Esse estudo é parte de uma pesquisa pensada para o Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades-PPGCH/UFAM que já conta com a aprovação do CEP-Comitê de Ética em Pesquisas.

METODOLOGIA

Para obter esse entendimento selecionou-se pesquisas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD³ e tomou-se como critério as produções classificadas com a palavra-chave “educação especial” foram encontradas 63 pesquisas distribuídas em vários Programas. O segundo filtro foi por área de conhecimento sendo selecionada a área de “Ciências humanas: educação” sendo disponibilizados 19 trabalhos no Estado do Amazonas todos da Universidade Federal do Amazonas e a partir desse resultado fez-se uma seleção por títulos com o intuito de descartar o que não era de fato sobre a educação especial enquanto modalidade de ensino, separando cinco pesquisas para serem analisadas e a seleção desses trabalhos se embasou pelo critério de pertinência.

Iniciou-se o trabalho pelo mapeamento das pesquisas com corte temporal do quinquênio 2015-2020. Aparecendo nas pesquisas as produções referentes a quatro programas de Pós-graduação da referida Universidade sendo: Programa de Pós-graduação em Educação, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Software e Programa de Pós-graduação em Matemática. Os assuntos foram agrupados sob o critério das palavras chaves que se repetiam e

³ A BDTD concentra as principais produções acadêmicas brasileiras produzidas pelas universidades, seu acesso está disponível em: <http://bdttd.ibict.br/vufind/>

categorizados em: políticas públicas, ensino aprendizagem e atendimento educacional especializado.

Em um segundo momento o refinamento organizacional dos dados consistiu em ler os resumos dos textos, verificar títulos, objetivos, teses ou hipóteses, se eram confirmadas ou refutadas e evidenciar o problema de cada pesquisador e a resposta encontrada subsidiando o arcabouço teórico do saber, fator necessário para fechar um arquivo.

A partir desse aparelhamento passa-se a observar os discursos emitidos nas produções analisadas destacando os eixos de poder e verdade resultando, dessa forma em uma análise de inspiração arqueogenealógica do pensador francês Michel Foucault (1926-1984).

REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre esse assunto Mantoan (2015, p.29) alega que já não deveria existir discussão, pois, para ela voltar a esse tópico é um retrocesso considerando o fato de que, o paradigma da inclusão já se encontrou com o paradigma da diversidade trazendo consigo novos questionamentos, o que leva a entender que o anterior já deveria ter sido trabalhado, apreendido e superado.

No mesmo ano e na mesma linha de compreensão Luis Sérgio Castro de Almeida (2018), estudou a Educação Inclusiva no campo: realidades e desafios no contexto escolar em Presidente Figueiredo no Amazonas, investigando como se dava o processo de inclusão de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, em três escolas na zona rural do município de Presidente Figueiredo no Amazonas tendo, por tese inicial que, embora as normas e diretrizes das políticas públicas da educação especial na perspectiva da inclusão existam para transformar o real e ressignificar as ações, permanecem também as resistências, pois entendem que o ato de incluir transcende o que a lei preconiza pois em comunidades localizadas em lugares íngremes essa inclusão acontece não apenas por causa do que os documentos de base preconizam, mas porque o fator humano ainda transcende a qualquer legislação.

Michiles (2018) confirma essa percepção quando, em sua dissertação intitulada Atividades lúdicas na prática pedagógica dos professores de educação física no contexto

da educação inclusiva evidencia a superficialidade de seus entrevistados acerca de suas próprias práticas de ensino no que tange a uma educação nessa perspectiva. A autora afirmou que infelizmente discurso e prática não tem se conversado resultando assim uma ação mnemônica que não oferece nem um ambiente inclusivo e muito menos uma aprendizagem efetiva.

Anuniação (2019) pesquisou A Gestão Educacional na perspectiva da Educação Inclusiva no Município de Manaus analisando o atendimento aos alunos da Educação Especial em relação à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) de 2008, sob a organização da Gestão Educacional da Secretaria Municipal de Educação do Município de Manaus-SEMED bem como as composições políticas educacionais e pedagógicas com relação as condições de incentivo para acesso e permanência dos alunos amazônicos. A autora constatou que as escolas recebem esses alunos em observância a lei que preconiza tal ato, porém, não apresentam preparo e planejamento suficientes para uma ação definitiva nesse quesito mantendo assim escolas especializadas e classes especiais e rastros de segregação e exclusão, na contramão da utópica inclusão.

Em sua pesquisa, com o tema “Os paradigmas do ensino da matemática para surdos incluídos no ensino médio na Escola Estadual Dom Gino Malvestio na cidade de Parintins Teixeira” (2019), aborda a questão da inclusão de alunos surdos no ensino de matemática no ensino médio em uma escola municipal de Parintins também reconhece a fragilidade teórica dos educadores mediante ao desafio, as incertezas e pontua a questão da necessidade de mudar o olhar que se tem em relação ao educador pois, com sua sobrecarga de trabalho não sobra tempo de pensa questões que em alguns contextos mais amenos seriam óbvios. O autor relata a necessidade de um olhar mais profundo a essa questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do referencial teórico pode-se analisar os discursos presentes na produção acadêmica com os projetos políticos pedagógicos das escolas que centralizam o Atendimento Educacional Especializado no Município de Humaitá. A escola A é periférica tem sala de recursos funcional e A Escola B é um prédio novo, localizado na zona urbana da cidade e fundado em 2018.

Ao adentrarmos nas pesquisas realizadas na região norte com o intuito de embasar esse trabalho, constata-se no repositório da Universidade Federal do Amazonas o depósito no ano de 2018 a tese intitulada “A educação especial no ensino superior: uma análise do contexto político da educação especial no curso de Pedagogia da UFAM”, da autora Ana Cristina Cruz Pinto, que analisou como os marcos político-legais da Educação especial e inclusiva estavam sendo usados nos cursos de Pedagogia da própria instituição citada, a autora delimitou a análise pelo período de 1994 à 2015.

Segundo ela, não por sentido cronológico, mas por entender que as publicações mais significativas decorrentes de suas observações foram nesse interstício. Nesse estudo a autora enfatiza que a importância da investigação se daria por acreditar em tese que o curso, enquanto formador de professores de base, observa todas as prerrogativas e instancias legais aos quais se remete e, como esses mesmos marcos político-legais, preconiza a Educação especial e inclusiva que estaria sendo abordada integralmente contextualizando dessa forma o curso em um âmbito mais abrangente considerando suas dimensões, econômicas e legais e sua influência na construção do Curso de Pedagogia da UFAM.

Com a identificação e a análise dessas dimensões a autora direciona o seu olhar em como as Políticas de Inclusão se refletem no referido curso de Pedagogia e conclui que o fato de ter disciplinas presentes na grade do curso, por si só não garante que o profissional esteja pronto para acolher a diversidade em um âmbito prático e que, embora o assunto esteja incluso (confirmando sua tese) o avanço é ínfimo e a opacidade da universidade em relação a essa temática se reflete na baixa preocupação no ambiente em se adequar para a recepção equalizadora de um público que vem com uma história política recente de avanços significativos e que, tem sido presentes no espaço acadêmico.

Mesmo diante da constatação dessa diversidade no espaço universitário a autora indaga que, se a Universidade, responsável por formar profissionais, atua parcialmente com as diferenças, não conseguindo promover uma educação inclusiva completa, como poderá oferecer esse direcionamento?

Os pesquisadores solicitaram às escolas os Projetos Políticos Pedagógicos e a resposta da escola **A** foi: “Está desatualizado” e mesmo com a afirmativa da pesquisadora que poderia ser do jeito que estava não obteve retorno, enquanto a Escola **B** não respondeu a nenhum pedido. Após alguma insistência, ambas entregam documentos que validam os discursos dos pesquisadores aqui expostos.

O projeto político pedagógico da escola **A**, discursava sobre a intenção de uma gestão democrática, citava a valorização da diversidade e apresenta como missão “ Educar com qualidade, competência, compromisso, visando o pleno desenvolvimento de nosso educando, desenvolvendo habilidades e competências que o capacitarão para o mercado de trabalho e o pleno exercício de sua cidadania (AMAZONAS, 2019, p.12)”porém não inclui em nenhuma de suas páginas a questão da inclusão da pessoa com deficiência.

O projeto político pedagógico da Escola **B**, fora realizado e entregue em menos de 15 dias e tinha como destaque ser do ano de 2021 texto perfeito e completo, segundo o documento realizado coletivamente com todos os envolvidos (em plena pandemia), porém, no corpo do documento fora encontrado o nome de outra escola integrada situada em um outro município (AMAZONAS, 2021, p. 65) e, por não se tratar de um documento que retratasse a realidade local, foi descartado.

Nos trabalhos analisados ficam evidentes a “confusão” conceitual sobre o tema evidenciados pela associação de educação inclusiva com educação especial, alguns autores trabalharam como se fossem a mesma coisa. Os autores expõem também a interface de uma inclusão que ainda não aconteceu e que, segundo Marchesi (2004, P.15) sequer uma integração bem feita é apresentada pela escola.

O que fazer para que a inclusão aconteça? O que fazer para que a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva seja, de fato uma realidade? O que fazer para os discursos escritos em papéis ou verbalizados publicamente sejam também os discurso vivenciados pelo público que recebe esse trabalho? Com as categorias que emergem dos discursos e as ponderações teóricas de Philippe Perrenoud (2000) apresenta-se também a questão de como o profissional pode contribuir para que essa inclusão tanto da diversidade quanto da educação especial se efetivem no chão da escola.

Mediante o exposto vamos tentar sistematizar a discussão pelas afirmações que mais se destacaram mesmo sem serem pronunciadas que são: O despreparo docente, a questão do tempo e o descaso institucional.

Nas pesquisas utilizadas para análise estão evidenciados o comprometimento e a resistência docente mesmo sem amparo institucional. Desse discurso foram percebidos três eixos problematizadores que possibilitaram um destaque mais detalhado e problematizado:

- a) Despreparo docente- Em todos os trabalhos esse tema ainda aparece. E aqui cabe uma indagação, porque esse profissional ainda se sente despreparado?

Porque esse profissional passa insegurança quando se trata do assunto da inclusão da pessoa com deficiência? Segundo Perrenoud o profissional deve ser incentivado a pesquisar, planejar e deve refletir sobre a sua prática identificando tensões e ajustando metodologias (PERRENOUD, 2000, p.139). Giroux (1997, p.157) convoca o profissional da educação a se posicionar como um intelectual, no sentido de instigar, buscar, conhecer, absorver o conhecimento construído por pesquisadores universais. Foucault (2019, p.129) em uma conversa com Giles Deleuze, aponta e difere duas categorias de intelectuais: o universal e o específico. O universal produz leis e teorias que abrangem uma maioria, que o autor chama de massa, enquanto os específicos têm o compromisso de captar essas teorias produzidas e utilizar em seus locais de ação adaptando ou descartando o que já fora produzido, com cuidado e senso crítico, modificando o seu entorno.

- b) Tempo- Segundo empecilho evidenciado sutilmente pelos discursos expostos, quando os autores analisados falam das salas lotadas, e da baixa remuneração. A questão do tempo é um assunto muito delicado. Como um pesquisador, pode apontar caminhos para um docente gerenciar seu tempo sem se colocar como acusador? De juiz? É possível ser um professor intelectual transformador e inovador com uma sala lotada, dezenas de atividades para corrigir e uma família? Perrenoud diz que o profissional deve gerir sua aprendizagem, acolher formações e participar delas. (PERRENOUD, 2000, p.153). Foucault (2014, p.133) nos traz a questão da importância da disciplina para a formação de corpos dóceis. O autor não vê a questão disciplinar apenas negativamente, ele nos apresenta uma disciplina que transforma, que modifica. E se essa docilização dos corpos fosse para transformar um professor comum em um grande profissional? Um profissional consciente de si e de sua influência na formação social, um profissional ciente de sua participação na construção de novas identidades?
- c) Descaso institucional – O descaso, ou a omissão da instituição em relação a subsidiar a inclusão da pessoa com deficiência é uma trama delicada. Os autores trazem no corpo de seus trabalhos que a instituição “cumpra a lei” mnemonicamente ou realizam eventos com o intuito de divulgar momentos isolados e não um cotidiano de envolvimento. Depois do ingresso da pessoas

com deficiência em seu espaço a responsabilidade maior fica a cargo do professor e, abarrotado com a questão do tempo se encontra despreparado para acolher e ensinar esse aluno de uma forma que não o estigmatize ou favoreça ainda mais o seu processo de exclusão, pois também não tem tempo de trabalhar a adaptação de sua turma, contando sempre com projetos de extensão que sejam realizados em seus espaços. Isso fica evidenciado também nos projetos políticos pedagógicos analisados. No caso da Escola A não havia menção à Educação Especial e o da Escola B estava perfeito, porém em uma das páginas constava que era de outra escola e de outro município, sendo descartado sua análise pois não representava a realidade local.

Quem é esse profissional sobrecarregado e sufocado pelo sistema a ponto de esquecer que, de sua prática nascem outras? Quem é o docente que ainda se diz despreparado, sem tempo e, após análise dos PPPs pode-se afirmar que, sem apoio institucional?

Guerra (2011, p.02) chama a atenção para a responsabilidade do professor em relação ao despertar de emoções negativas e/ou positivas no aluno, a autora pede cautela, pois, como se sabe, para cada ação tem-se uma reação que pode ser proveitosa ou não. Para a autora uma pessoa que não conheça a si mesmo, não cuide de seu corpo, não cuida de si, provavelmente não terá sabedoria para ajudar o outro.

O cuidado de si pode ser entendido como o ato de observação do indivíduo para consigo mesmo e com o outros, temática que foi assunto insistentemente trabalhado na obra História da Sexualidade III- o cuidado de si, sob a autoria do filósofo francês Michel Foucault, que frisava que o cuidado consigo não é trabalhoso, ou pelo menos não deveria ser visto como tal, importante considerar que, quando Foucault fala em cuidado de si ele intenciona mostrar que o homem é muito mais livre do que ele pensa e que ao cuidar de si “toma posse de si próprio”:

Esse tempo não é vazio: ele é povoado por exercícios, por tarefas práticas, atividades diversas. Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação tão medida quanto possível das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor. (FOUCAULT, 1985, p.56)

A questão do olhar para si não é nova, ela remete a era imperial, quando só os cultos que, na sua maioria eram nobres, tinham o privilégio de desfrutar da *techne tou biou*⁴. É importante deixar claro que, no contexto atual o cuidado de si não tem o mesmo significado prático, não se refere a um ser culto, individualista e transcendental. O cuidado de si aqui, significa cuidar tanto do corpo quanto da alma pois, quando o sujeito cuida de si está se conhecendo e oportunamente conhecendo o outro, em uma troca que oportuniza uma melhoria no grupo social ao qual pertence.

Seria a afetividade um fator que oportunizaria a empatia e sensibilizaria os agentes educacionais para um comprometimento ético? A instituição oferece subsídios que validem a atuação profissional, valorizando-os e motivando-os de modo a oferecerem o melhor de si?

A percepção de Mantoan (2015) para a resistência em se efetivar a inclusão é que, o fato de “se trabalhar com todos os alunos sem discriminá-los ou colocá-los a parte” (id p.28) desequilibra a organização sistemática da educação provocando-a ao mesmo tempo que incentiva a oferta de um ensino que englobe a todos sem perder a qualidade.

Stainback & Stainback (1999, p. 21) refletem sobre a rede de apoio, o trabalho em equipe e a aprendizagem cooperativa pois defendem serem peças-chave interligadas e indispensáveis para um ensino inclusivo que beneficie todos os alunos e promova ganhos nas habilidades acadêmicas e sociais preparando a todos para uma vida significativa em comunidade.

Os autores destacam a necessidade de compreender que a vida social não se dá em uma cápsula e, por isso, a educação das pessoas com deficiência deve acontecer em um espaço diverso, pois acreditam que a troca possibilita a preparação do aluno para uma vida social autônoma. Importa frisar ainda que, a educação especial está dentro da educação inclusiva, mas essa abrange todos os segmentos marginalizados e buscam oferecer-lhes as mesmas condições educativas (STAINBACK & STAINBACK, 1999, p.110).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴ τέχνη του βίου- Expressão grega que significa a arte de viver. (Tradução nossa)

Foi apresentada aqui a atuação docente em contrapartida aos projetos políticos pedagógicos de duas escolas oportunizando discorrer sobre o papel da instituição buscando possíveis hipóteses para considerar a questão: Por qual motivo é tão difícil oferecer uma educação que realmente inclua a pessoa com deficiência no âmbito escolar?

Talvez por não querer se indispor com os colegas, alguns profissionais acabam por sucumbir ao descaso, talvez!? Porém, o fato de algumas escolas estarem despreparadas para subsidiar o professor, por si só, não deve ser contado como um descaso total com a educação oferecida a pessoa com deficiência pois isso significaria desvalorizar o empenho daqueles que buscam mais informação, se empenham em, com as ferramentas que tem, resistir à tentação de desistir dia após dia.

É preciso ter cautela, mas também é necessário se posicionar enquanto pesquisador, professor, profissional, cobrando da escola enquanto detentora de poder que ela faça, no mínimo, a sua parte. Isso pode significar guerra, falta de oportunidades no trabalho, portas fechadas, anonimato. Mas, para tantas pessoas que tem, na educação uma esperança de emancipação, pode significar vida. Então, por elas, mesmo sendo difícil, vamos tentar provocar o desconforto para que dele surjam oportunidades.

O texto também aborda a importância do cuidado de si, o que parece um pouco utópico visto que os profissionais sempre batem na tecla “falta de tempo”, mas que corrobora para o entendimento de que, quando cuido de mim, estou cuidando do outro.

É importante salientar que, quando se fala dos problemas da escola, aqui é com o intuito de pensar, junto com outros pesquisadores formas de amenização. O que esse estudo arqueogenalógico que se vale de produções já realizadas e, embora seja diferenciado na forma de olhar seu objeto de análise de uma pesquisa bibliográfica e documental, às vezes se confunde, porém deixa evidente que, a inclusão da pessoa com deficiência, pelo menos no Estado do Amazonas, ainda não acontece.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luis Sergio Castro de. **Educação Inclusiva no campo: realidades e desafios no contexto escolar em Presidente Figueiredo no Amazonas.** 2018. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6502> Acesso em 05 de abril de 2021.

AMAZONAS, Secretaria de Educação e Cultura. Projeto Político Pedagógico. **Escola A.** 2019.

AMAZONAS, Secretaria de Educação e Cultura. Projeto Político Pedagógico. **Escola B.** 2021.

ANUNCIACÃO, Daniele Vieira Araújo. A Gestão Educacional na perspectiva da Educação Inclusiva no Município de Manaus. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2019. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7846> Acesso em 20 de abril de 2021

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** 42.ed. Rio de Janeiro. Vozes. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GUERRA, Leonor Bezerra. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar:** o que é? por quê? como fazer? Summus Editorial, 2015.

MARCHESI, Álvaro. Da Linguagem da deficiência às escolas inclusivas IN: COLL, César. MARCHESI, Álvaro. PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação** -Vol. 3: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais. Vol. 3. Artmed, 2004

MICHILES, Romina Karla da Silva. **Atividades lúdicas na prática pedagógica dos professores de Educação Física no contexto da Educação Inclusiva.** 2018. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6359> Acesso em 05 de abril de 2021.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Artmed editora, 2000.

PINTO, Ana Cristina Cruz. **A educação especial no ensino superior:** uma análise do contexto político da educação especial no curso de Pedagogia da UFAM. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6950> Acesso em 05 de abril de 2021.

STAINBACK, Susan Bray Ed; STAINBACK, William C. **Inclusão:** Um guia para educadores . Publicação Paul H Brookes, 1999.

